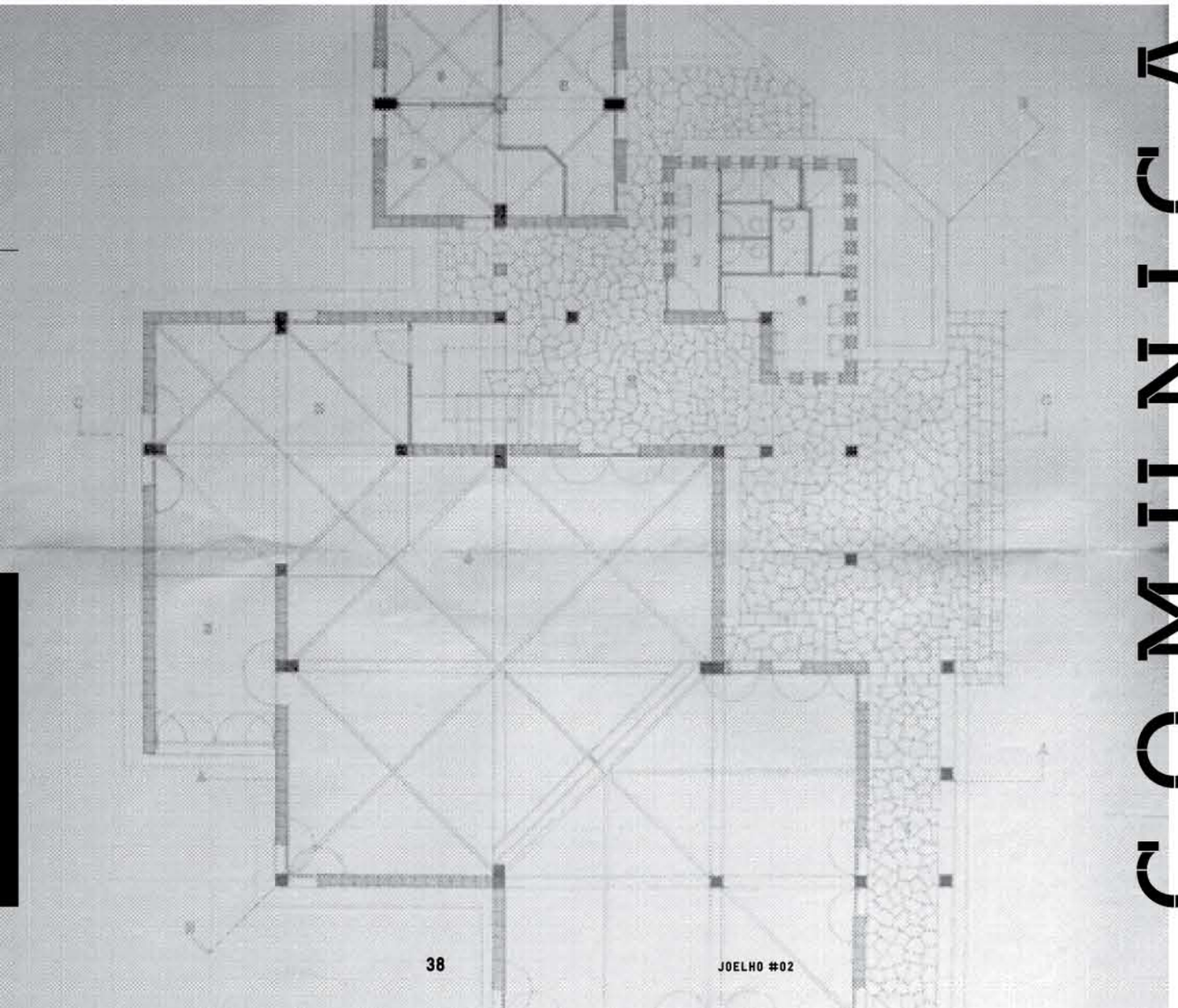
Sergio Fernandez
Rio de Onor, 1963—1965



COMUNICAÇÕES

Raul Lino, na sua tentativa de fixação de um arquétipo para a arquitectura portuguesa, como refere o antropólogo João Leal, tratará, "o campo visto como excelência da nacionalidade "[1]. O regime de Salazar, retrógrado e de limitada ambição, mitificará as virtudes da ruralidade, atribuindo-lhe qualidades que permitam reconhecê-la como essencial para a construção de um país tranquilo, sorridente e feliz. Traduzindo uma atitude antagónica, e tendo como objectivo a criação de bases sólidas que permitam fundamentar a produção de uma arquitectura moderna em Portugal, capaz de responder correctamente às carências patentes, aberta à diversidade e, em simultâneo, liberta de inconsequentes mimetismos importados, vai gerar-se, na transição dos anos cinquenta para sessenta, designadamente no seio dos arquitectos ideologicamente mais consistentes e com acção mais representativa no campo da disciplina, um movimento que os levará, também, até à arquitectura vernacular.

A minha formação, na Escola do Porto, coincide com o período de elaboração do Inquérito. Parafraseando Fernando Távora que, referindo a sua educação no seio de uma família conservadora, dizia ter entrado na Escola "....enamorado pela Venus de Milo e saído fascinado por Picasso....", a geração a que pertenço "entrou venerando Le Corbusier "e, sem abdicar da modernidade, "acabou por rever-se numa espécie de proposição mais humanizada e próxima, decorrente do contacto com a arquitectura popular"[2].

A, chamemos-lhe, "descoberta" de uma arquitectura feita de saberes e de recursos não habituais para nós, viria a ter uma influência decisiva na alteração das nossas referências, até aí, quase exclusivas; Távora ganhava nova dimensão; a uma inquestionável rigidez expressa no bairro de Ramalde, sucedia-se a elaborada complexidade do Mercado da Vila de Feira, onde o homem é objecto privilegiado e protagonista fundamental na valorização do espaço, e a célebre casa de Ofir, onde, pela qualidade do desenho e pelas soluções construtivas e funcionais, se condensam, sem soluções de continuidade, a modernidade e uma evidente aproximação à arquitectura tradicional. Siza começava a impor-se com uma produção à qual reconhecíamos, não só uma inovadora expressão plástica, como uma escala que se revelava mais ajustada e familiar. Disso são exemplo as suas primeiras casas de Matosinhos e a conhecida Casa de Chá da Boa Nova. Por razões, também de ordem política, justificava-se, então, o desejo de um aprofundamento, não só do construído, mas do contexto socioeconómico que lhe dera origem. Abordagens, como a de Arnaldo de Araújo, "Formas do Habitat Rural - Norte de Bragança"[3], revelavam, com anterioridade, esse interesse.

O trabalho de fim de curso proporcionava a ocasião para um envolvimento pessoal naqueles temas e, ainda, ocasião para, em movimento simétrico, testemunhar, numa comunidade do interior do país, em situação de isolamento quase extremo, quais seriam as consequências que poderiam advir da presença de um arquitecto.